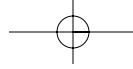


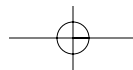
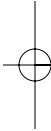
O FILHO DO AR

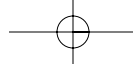
A mãe abre a sombrinha e diz: «Meu filho, avança.»
Um cigano veloz e livre como a dança,
agudo como o raio e como ele feroz,
vê, porém, lá ao longe, a criança que foge,
brincando distraída, sem que a sombrinha branca
a abrigue.

«Socorro», grita a mãe. A criança
perdeu-se, todavia, na névoa da distância.
Podes ameaçar, suplicar, nada serve:
o teu filho fugiu nos braços da quimera.
Ela já tem a voz cansada de chamar:
o filho cai no fundo dum tinteiro, a sonhar.
E noutro sonho julga que entrou, ao acordar:
está na casa onde vivem as crianças raptadas,
como a Ursa Maior, de estrelas construída,
sempre pronta a partir, sempre pronta a parar
— uma casa espantosa, sobre rodas erguida.
E a mãe não sossega, e a mãe já está rouca,
a mãe soluça e volta sempre atrás, como louca,
procurando o seu filho e sem o encontrar.
Desesperada, em vão ela chama a polícia:
o raio e os ladrões têm igual malícia;
a polícia, aliás, não tem um grande faro
e os meninos roubados sabem andar no ar.
Logo pela manhã, ousam a temerosa
travessia no arame, de *maillot* cor-de-rosa.
Para terem sucesso, quanta calma e perícia!
E a mãe está sentada, de luto, muito triste,
sentada, muito triste, encostada à janela.
É como se o menino não fosse filho dela:
eles surgem de súbito, os meninos raptados,

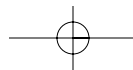


no campo dos ciganos, à volta da fogueira,
ninguém sabe daonde, onde foram roubados.
Têm direito a vinho, se se faz bom dinheiro.
Ele toca o tambor, ele voa. A mãe morre.
É vasto o mundo — e novo, nocturno, perturbante.
Ó mães, desconfiai das janelas, das portas,
dos feitiços daqueles que os filhos vos transportam
nessas casas que vão por montes e barrancos,
puxadas pela luz de dois cavalos brancos.





Ana a Criada



ANA A CRIADA

Ah! mademoiselle, ah! mademoiselle,
Mademoiselle Annabel,
Mademoiselle Annabel Lee,
desde que a morte vos levou,
estais cada dia mais bonita.
Todas as noites, sem abrir
a porta, vindes junto a mim.
Mademoiselle, mademoiselle,
Mademoiselle Annabel Lee.

Fostes tão boa, tão bonita,
talvez demais, não me esqueci.
Traziam flores, como a uma santa,
e eu era a Ana, eu era a Ana,
Ana, a criada do hotel.
Tão delicada, tão gentil,
talvez demais, não me esqueci,
mademoiselle, mademoiselle,
Mademoiselle Annabel Lee.

Que grande o vosso apartamento!
Tudo ocorreu subitamente...
Eu era aquela por quem chamam
as campainhas dos senhores.
Vós a tocastes uma noite,
como qualquer outra pessoa...
E, na verdade, não se pode
dizer que seja razão forte
para que... enfim... vos desse a morte.
Nós, os criados, trabalhamos,
escada acima, corredor,

enquanto vós, para dormir,
tomáveis gotas: «Por favor,
dez gotas, Ana, por favor...»
Apenas dez! Despejo-as todas!
Cometo um crime — horror! horror!

Que hei-de dizer? Era a criada
— e vós tão boa, tão bonita...
E tanta gente de visita,
dinheiro gasto para nada,
e a sobancelha depilada,
as unhas... e o *sex appeal!*
Ah! mademoiselle, mademoiselle,
Mademoiselle Annabel,
Mademoiselle Annabel Lee,
desde que a morte vos levou,
estais cada dia mais bonita.
Mademoiselle... mademoiselle...
Mademoiselle Annabel Lee.

Julgais talvez que já suspeitam
de mim polícias e doutores?!...
Eu sou a Ana, por quem chamam
as campainhas... Quem imagina
que esteja aqui a assassina?
Os vossos príncipes, os condes,
os duques que vos adoravam,
já nada conta... Este segredo
só entre nós há-de ficar!

Mas vós pensais que me habituo?
Jamais! Que farei amanhã?
Não somos nós, ah não, quem mata:
é a culpada a nossa mão.